

SOBRE A VERDADE DO FOGO DO ESPAÇO EM HELENA ROERICH**ABOUT THE TRUTH OF THE SPACE FIRE IN HELENA ROERICH** <https://doi.org/10.63330/armv2n10-007>

Submetido em: 16/10/2026 e Publicado em: 23/10/2026

ARM: e262483

Caio César Costa Santos

Mestre em Letras

Universidade Federal de Sergipe

E-mail: cesarinmind@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1821436310106545>**Resumo**

Este artigo trata da verdade velada sobre o fogo do espaço. Neste íterim, este texto tem o objetivo de apresentar os pensamentos e as ideias da mestra e filósofa Helena Roerich sobre o fogo do espaço. No primeiro momento, apresentamos as concepções da autora em torno deste conceito. Em um segundo momento, caracterizamos o que seria a ideia de “fogo do espaço”. E, por fim, discutimos a questão sobre o ímpeto e/ou impulso da criatividade. Concluimos que a força criativa ou criadora é o único impulso capaz de transformar o espaço invisível cósmico em correntes psíquico-magnéticas.

Palavras-chave: Espaço; Fogo; Roerich; Verdade.**Abstract**

This paper deals with the veiled truth about the fire of space. In this context, this text aims to present the thoughts and ideas of the master and philosopher Helena Roerich on the fire of space. First, we present the author's conceptions surrounding this concept. Second, we characterize what the idea of "fire of space" would be. And finally, we discuss the question of the impetus and/or impulse of creativity. We conclude that the creative or generative force is the only impulse capable of transforming invisible cosmic space into psychic-magnetic currents.

Keywords: Fire; Roerich; Space; Truth.**1 O FOGO DO ESPAÇO: UMA INTRODUÇÃO**

Ser como uma “chama” que busca o Alto rumo ao Infinito. Estas são palavras de nosso mestre Trigueirinho e que nos serve para o propósito deste texto. Caro leitor, este autor que aqui escreve nunca



tinha ouvido nem lido em nenhum lugar sobre esta expressão - o “Fogo Espacial”. No início, parece ser algo estranho ou esquisito pensar que no Espaço haja Fogo, mas, o leitor leigo, as palavras que seguem, irá ter a possibilidade de se deparar com um pensamento da nossa mestra Helena Roerich (1930) e perceber algo grandioso tanto na construção de seu pensamento, como na do leitor. Assim, com o intuito de provocar nosso pensamento inicial, vamos ao pensamento de Roerich (1930, p. 20-21), ela nos diz:

A evolução de tudo que existe não está separada da evolução de cada espírito; é como uma espiral em eterno movimento. A consciência espiritual que aspira às Nossas alturas, acumula tesouros e oferece estes dons ao Espaço. Através da consciência espiritual, o vosso planeta é enriquecido. O materialismo não movimenta a evolução. A consciência materialista, que se esforça por acumular, gera na água estagnada os mosquitos que lhe são próprios. Mas a causa do imobilismo do pensamento é terrível. Não há repouso infinito. Por isso, não vos demoreis em um ponto ou a mudança vos engolirá ou ajudareis a revolução cósmica. A base de tudo é a espiral e é preciso compreender a essência do eterno Fogo Espacial. (...) Como é poderoso o pensamento *penetrando* o Espaço! (Roerich, 1930, p. 20-21).

Como nos diz a autora, estamos acostumados com o vai e vem do dia a dia sem direcionar nosso verdadeiro olhar para as coisas que estão além de todo o materialismo. Para ela, o mundo hoje se assemelha mais a uma grande caixa d’água completamente esquecida e “estagnada”; onde vivem se acumulando cada vez mais todo o tipo de mosquitos. Em outras palavras, de tanto que o homem atual vem se tornando cada vez mais “inerte”, sem uma abertura para as coisas “superiores”, a inércia do ser humano, que é por natureza psicodinâmico, se tornou como uma “água estagnada”, ou seja, relegada ao esquecimento quando, na verdade, esta “absoluta inércia” só faz do homem um mísero ponto estagnado na superfície, muito embora o seu espírito, ainda que com pouca claridade luminosa, ainda faça o seu ser contemplar o Alto. Assim, devemos ter cuidado com o “materialismo exacerbado” porque há Infinito na Matéria e, como a autora nos diz, “cuidado para não ser ‘engolido’ por um ponto ou uma mudança brusca”, afinal, há, em todos os pontos, mudanças ocorrendo instantaneamente, logo, se caso o ser não estiver com uma boa consciência espiritual, poderá facilmente ser “engolido” pelo *trevosidade do espírito das coisas absolutamente materiais*. Vejam que, estando muito além da “materialidade psíquica”, está o *pensamento* como “entidade” totalmente “livre” e desprovida de qualquer *índice material*.

É um grasso erro pensar que o nosso pensamento está “acorrentado” nas correntes do conjunto cerebral. Como bem descobriu Henri Bergson (2010) e indo muito além de toda a Psicologia Clássica, “o cérebro só nos funciona primordialmente como um ‘órgão da atenção’”. Sim, e concordamos com ele, pois, o nosso pensamento é muito superior até mesmo a todo ato próprio de pensar. O ato de pensar é exclusivamente uma atividade orgânica, logo, neurológica, enquanto que o pensamento é uma “entidade” ainda muito desconhecida para todos os “cientistas” simplesmente porque é, pelo pensamento ou intelecto, que nos conectamos com a Glória do Criador. Neste sentido, a percepção de um simples objeto à nossa vista pode ser uma psicoatividade dinâmica exploratória de nosso cérebro quando o órgão do olho físico a



partir de seus nervos ópticos “sinaliza” ao cérebro sobre a presença ou contato do objeto no momento exato em que se olha (Husserl, 2006). Assim, a condição da “vista perceptiva” independe de alguma forma do pensamento porque “ali” é muito mais uma questão de psicoatividade fisiológica ou orgânica, enquanto que o pensamento segue a ordem até do *extramental*. Logo, não fazendo o pensamento parte do cérebro, ele também, em um nível um pouco maior, também não faz parte da “mente” no sentido de que a nossa mente é perigosa, traiçoeira, dúbia, muito domesticada, alienada e automática. Neste sentido, é como se a “mente” fosse o reflexo ou a imagem quase perfeita de tudo aquilo que está acontecendo na massa psíquica do cérebro, porque aquilo que a mente “pensa” automaticamente é “recepcionado” na base cerebral cujo fio neuronal que liga “cérebro” e “mente” não passa de ser *uma processualidade sensório-motora*. Sim, tanto a mente quanto o cérebro não passam de *psicoatividades sensório-motoras*, não passando disto (Bergson, 2010).

Embora o “universo cerebral” seja de uma natureza peculiar e o “universo mental” de outra, ambos estão indissociavelmente ligados, tanto é que na ausência absoluta do cérebro, a mente só continuará a “funcionar” sozinha como um aparelho sintomaticamente “fantasmagórico”, porque é como se o “fantasma” do cérebro ainda repousasse como *penumbra* na abstratividade da mente. Tudo isto para dizer que o pensamento, autenticamente falando, não precisa nem da atividade cerebral, nem da psicoatividade da mente. Mas, então, o que seria o pensamento? Como nos diz a autora - “como é poderoso o pensamento penetrando o Espaço”. Mas, como assim, o pensamento “dentro” do Espaço? Sim, neste caso, o pensamento seria uma espécie de “entidade” de natureza abstrata e imaterial além de invisível, sendo assim, *perpassa* todo o fio ardente do Espaço, por intermédio das correntes cósmicas que são *linhas de fogo invisíveis* as quais conectam o fio elétrico-magnético do pensamento às correntes cósmicas do fogo etérico do Espaço. Um exemplo concreto é quando o observador A olha imediatamente nos olhos do observador B, ali, construída uma “simbiose ou sintonia mental”, o olhar de ambos observadores provoca, no “Tecido do Espaço” (Blavatsky, 2007), uma ligação imanente e intrínseca, além de indissociável, simplesmente porque o pensamento, como entidade abstrata e imaterial, *absorve* e *incorpora* as correntes cósmicas invisíveis do Fogo Espacial, sendo este Fogo aquilo que faz “conectar” o pensamento do olhar tanto do observador A, quanto do observador B.

Assim, toda a vez que estamos incessantemente pensando, é como se ao redor de nós e no interior do Espaço, fossem “cocriando” elementos ardentes de Fogo Cósmico que, ao passo que quanto mais pensamos, mais são “ardentes” as correntes cósmicas envolvidas pelo Fogo Espacial. Assim, diante todos os elementos da Psicovida, o pensamento (que poderíamos chamar também de “consciência”) é a “entidade” mais metafísica possível de todas aquelas que envolvem a constituição humana e também dos demais “seres”. Portados nós de cérebro, mente e pensamento (sem falar também de “espírito”), é totalmente comum e normal, ou melhor, próprio da Existência, o pensamento *penetrar* o Espaço. Logo e com este



sentido, a transformação do Espaço só é possível pela interconexão das cadeias imanentes entre todos os indivíduos pensantes. Parece algo esdrúxulo, mas completamente real - por isso, repetimos - “todo o pensamento de qualquer ser *penetra* o Espaço”. Com isto, poderíamos nos perguntar (que é também a questão da autora), “somos realmente responsáveis por aquilo que pensamos?”. Caro leitor, se todo o pensamento penetra como fogo em todo o Espaço, então, vamos imaginar uma infinidade de momentos pensantes, ou seja, um turbilhão inumerável de pensamentos “pensados” até hoje na superfície do Espaço deste planeta. E aí poderíamos fazer uma nova pergunta - “a maioria deste aglomerado inumerável de pensamentos; são pensamentos bons ou maus?”. Vimos, no primeiro capítulo, que a lógica psíquica da vida é a psicodinâmica da Psicovida e aqui nos defrontamos com a psicodinâmica do Fogo Espacial cuja “dinâmica” só é uma vez mais possível pela existência avassaladora do pensamento. Assim, não pensamos no ato de pensar e aí pensamos, não! O pensamento, como nos diz Gilles Deleuze (2011), é *maquínico*, ou seja, uma máquina de “cortar” e vai “cortando” tudo e todos sem parar, construindo e acumulando um monte infinito de “carnes psíquicas”. Estas carnes seriam a materialidade da interconexão entre “pensamento”, “fogo” e “espaço”. Grande artista da vida e da mente (pensamento), Antonin Artaud, em sua “loucura extraordinária”, nos escreveu algo que serve para nosso pensamento, ele diz - “Pilha elétrica castrada em sua expulsão, mas ainda, carregada (feita para absorver) a intensidade voltaica do contato com os ‘buracos do vazio’”. Neste sentido, para Artaud, o “pensamento” é uma “pilha elétrica” e o seu pensamento está “castrado em sua expulsão”. Imaginas, então, uma vida mental completamente “aprisionada”, mas ainda, em total e absoluto funcionamento (?). Então, o que de fato ocorre quando nossos pensamentos não “pulam para fora”, ou seja, não *penetram* o espaço como normalmente e cosmicamente fazem, mas passam a funcionar somente de “dentro” (?). Neste caso, é normal que, em um dado momento, a “pilha elétrica” de tanto produzir a “intensidade voltaica de eletricidade” em um dado momento pode vim a “explodir”.

Com isto, a “loucura” ou a “esquizofrenia de sentidos ou de percepções” encobre muito bem este caso em particular porque o “pensamento saudável ou normal” tem a capacidade imanente e própria de penetrar o Espaço e quando o fluxo do pensamento voltaico é tanto e chega a ser tão até incomensurável que os corpos orgânicos se estremecem, despertando uma “prodigiosa loucura intensiva caosmótica” (Deleuze, 2011). Assim, na vida de Artaud, aquilo que conhecemos como o “caos” jamais será verdadeiramente um “caos” quando olhamos para o colapso do mundo, mas, “caos” mesmo é um “pensamento intravoltaico” (Deleuze, 2011), ou seja, ele absorve sim os fluxos intensivos da duração e do devir, bem como do Espaço, mas não consegue infelizmente “acontecer” na Duração da Vida, ou seja, da Psicovida. Neste caso, é como se fosse uma *psicoatividade psicodinâmica intrapsíquica* - a “eletricidade vertiginosa do pensamento não consegue transpassar o seu próprio limite ou espaço, então, sofre intensamente uma “combustão” semelhante mesmo a quando um gás de cozinha “explode”. Então, o



pensamento, não aguentando mais tamanha combustão elétrica, resolve “explodir”. E, explodindo, o indivíduo *perde* sua significatividade de “eu”. Assim, seria, uma vez mais, um estado singular ausente de saúde mental; onde o “sofrimento” é uma vez mais o único estado aparente e perceptível. Ou seja, neste caso, quanto mais o ser “sofre”, mais o “sofrimento” desperta no “pensamento voltaico” a desordem do “caos mental”. Este exemplo particular de Artaud só foi para nós percebermos como a “entidade” do pensamento é de fato a constituição primordial de todas as nossas relações, repito, todas! No entanto, sobre este caso e tantos outros que também são assim ou ainda piores, podemos perceber uma coisa fundamental - a saber - que a maioria de nossas psicopatologias não tem nada a ver com a natureza íntima de nosso ser espiritual, ou seja, com aquilo que portamos desde o nosso nascimento. Acontece que, todavia, ao se vermos jogados neste mundo indiscutivelmente “complexo”, dentro desta “complexidade”, não sabemos como nos “comportar”, nem o que dizer, muito menos, o que pensar. Então, absorvidos absolutamente pelas energias a todo instante contrárias dos outros e do mundo, começamos a nos “adoecer”, não por culpa nossa, mas devido à “caosmótica complexidade do mundo”. Assim, ao passo que somos “raptados” pelas coisas deste mundo, estamos sendo automaticamente e instantaneamente “intoxicados” pela já natural obscuridade da matéria e, o pior ainda, por tudo aquilo que nós mesmos fizemos de nossas relações entre o mundo e as pessoas. Com isto, no interior destas relações, não podemos esquecer que estamos a todo instante “cocriando” realidades, de todos os tipos, logo, cada relação significa para nós, um pensamento “impetrado”. Assim, então, de que é feito este pensamento - “de obscuridade ou de claridade” (?).

E, assim, podemos confessar uma coisa, caro leitor, no mundo atual (e isto é uma verdadeira realidade), não podemos mais pensar o que quisermos, nem muito menos nós mesmos conseguir controlar os nossos pensamentos porque vem todo o tipo de ação externa (visual, sonora, imagética, mental, etc.), acabando, então, por destruir ainda mais o tecido psíquico da psicovida individual de cada um. Assim, na Mente Cósmica, a realidade primária é a Psicovida e a realidade secundária é o Pensamento. Ou seja, tudo, completamente tudo, está envolvido pela união imanente entre “mentes” porque cada um de nós somos essencialmente “pensamento” e “espírito”. São Bernardo de Claraval no seu *Tratado da Consciência e do Conhecimento* diz algo mais ou menos assim - “ao o corpo morrer, sobrevive ainda eternamente a ‘consciência’”. Ou seja, não só a “alma” ou o “espírito”, mas também a “consciência” são absolutamente “eternos” simplesmente porque a “alma vivente” (Aristóteles, 2021) só pode ser considerada “vivente” por conta da *existência da vivência da consciência*. Até hoje, estamos acostumados com um “conceito” de “consciência” muito raso e superficial, pois não contempla a total magnitude que este termo envolve. É muito comum observarmos nos manuais de Psicologia ou de Psiquiatria coisas como: “a consciência é uma individualidade” ou “a consciência é um modo subjetivo do viver”. Os próprios tratados dos santos, de monges e de todos os místicos nos mostram simplesmente que a “consciência é, por natureza, individual, porém, a tonalidade de cada ato psíquico está revestido primordialmente de substância cósmica”. Ou seja,



o “ser consciente é ser consciente das reais relações existentes na psicodinâmica entre ‘Psicovida’ e ‘Pensamento’”. Assim, o modo verdadeiramente “consciente” de uma “consciência” é, sobretudo, a “percepção” e “conscientização” da existência de “outros” mundos paralelos aos nossos. Como Leibniz (2022) nos diz - “Deus, ao girar, em um único relance, cria infinitos novos mundos”. Ou seja, Deus, sendo a imortalidade por excelência, desde a Criação, não cessou o seu trabalho de “Ser Deificante”, assim, continua a, com seu Grande Reflexo, “espelhar” novos reflexos dos reflexos criados anteriormente. Em outras palavras, cada nova criatura, entidade ou ser, fenomênico ou não, material ou imaterial, está a todo instante sendo “criado” por intermédio da “Substancialidade Divina”. Assim, se o próprio do pensar é Infinito, o que dizer então do pensamento em si, bem como do Infinito de todas as coisas dos mundos (?). Logo, a Criação também é Infinita e Eterna; porque não sabemos (nem nunca ninguém saberá) o que de fato ocorrerá daqui um tempo, ou daqui a alguns íons de eras.

2 A AFIRMAÇÃO DO FOGO

A conhecida “sobrevivência” no mundo terrestre ainda está sendo possível, mas o que dirá o Infinito do Mundo passado apenas algumas décadas? Então, o que de fato estamos fazendo com nossos pensamentos ou em que “realidade mental” estamos? Na esfera terrestre ou na esfera celeste? Como a autora Helena Roerich (1930, p. 19) nos diz - “Aceitai em espírito o conceito do Infinito. Afirmei o Infinito em vossa consciência. Aplicai todo o pensamento em larga escala. Esta alavanca do Fogo do Espaço se manifesta em toda parte. Por toda a consciência ilimitada, a Mão dos Senhores age; aplicai da mesma forma as vossas aspirações”. E ela pergunta: “Onde é que o Fogo do Infinito não vive? (...) Será que na Eternidade e no trabalho do Cosmos não jaz o labor do Infinito?” (Roerich, p. 19).

Diz Roerich (1930) - “Comungai com o Infinito”. Este “Infinito” é tudo isto, tudo aquilo, toda coisa, todo ser, todo elemento, toda substância; é o Infinito das Coisas; dos planetas, de uma planta, da barata, de um inseto, do arco-íris, da flor, da água, da correnteza do rio, enfim, *o Infinito é apenas o Infinito*. Acontece que é muito difícil para o conceito humano tentar definir uma coisa que existe, mas não é “propriamente” a Existência. Entendes, caro leitor? É como se o conceito do Infinito fosse o próprio conceito do que é a Vida. A Vida é Infinita, logo, o Infinito é Infinito. Somente poderíamos dizer isto. Agora, é no contato com a “Infinitude das Coisas” que a Força do Infinito irá aparecer e é, no envolvimento com a Chama Vivente Infinita do Impulso Criador do Fogo Cósmico (ou do Espaço), que realmente sentiremos a pulsação intensiva e cósmica da Força Substancial do Cosmos; filho preferido do Senhor. A questão é que se pensamos “catastroficamente”, provocamos caos e desordem em toda órbita da Terra e, mais, “intoxicamos” todas as correntes eletromagnéticas do Fogo do Espaço.

Como nos diz Helena Blavatsky (2007), “a eletricidade sendo uma das fontes primordiais e mais importantes da Vida (da Psicovida), a raça humana, mesmo alcançado o sétimo nível de sua raça, ainda



desconhece os prodigiosos poderes do Magnetismo Elétrico”. Pare e pense - se todo o Espaço é envolvido de “Fogo”, de que constitui este “Fogo”? Não seria de “eletricidade”, ou seja, de um ‘elemento voltaico’, como é o nosso pensamento? Sem sombra de dúvidas, a humanidade ainda desconhece e muito uma boa parte dos mistérios da Criação. Querido leitor, parece que, quanto mais estamos envolvidos com estes “mistérios”, mais se produzem tantos outros porque, como Leibniz afirma, “Deus não para de girar em nenhum instante”. Diz Roerich (1930) - “a movimentação cósmica prossegue em ondas”. Ou seja, aquilo que realmente “sustenta” todo este Oceano de Espaço são as “combinações entre éter, devir, átomo, molécula, força, gravitação, energia, etc. que tornam o Elemento da Psicovida uma realidade material, ou seja, *expressa* no mundo. O pensamento de Roerich (1930, p. 39) é muito claro e profundo, vejamos:

Somente quando a essencial riqueza do espaço for compreendida, será possível aperfeiçoar as nossas formas terrenas. O existir foi afirmado antes de sua plena compreensão pela humanidade e todas as formas de vida estavam, então, em variados estágios. Há tantos estágios no Infinito quanto degraus existem de consciência. Todas as coisas estão interrelacionadas. Todas as coisas são reciprocamente atraídas e tudo está refletido no oceano insondável da criatividade (Roerich, 1930, p. 39).

Frisemos, caro leitor, na última parte do pensamento da autora - “tudo está refletido no oceano insondável da criatividade”. Se tudo o que somos e tudo o que o mundo é “está refletido no oceano infinito da criatividade”, isto só é possível por conta do “pensamento”. Nada que é criado ou criador ou criativo vem de fora, mas sempre de “dentro”. Logo, o pensamento sendo “transubstancial” não está em nenhum lugar e está em todos os lugares ao mesmo tempo. Acontece que, desde que a matéria psíquica do feto de um ser é “criado” ou “nasce”, ao passo que se torna uma “realidade”, então, o pensamento passa a “viver” eternamente “dentro” daquele ser. Repitamos - “eternamente”. Ou seja, até na “eternidade”, o espírito se “compõe” de “pensamento”. Assim, o Fogo Espacial tem origem aqui, no seio terrestre, mas o seu destino só sabe Deus aonde vai chegar, sempre e eternamente “experimentando” “realidades espirituais” distintas, tendo agora como fonte primordial o “fogo cósmico eternificado”, ou seja, em sua forma por excelência, “eterna”. Agora - uma perspectiva pessoal - “passando por uma vasta amplitude de experiências heterogêneas, eu, como autor deste texto, chego a uma conclusão” - a saber - “que o mais importante de nossa vida como “ser” são simplesmente ‘as relações entre nós seres’”.

Mas, junto a isto, sem esquecer uma coisa - como nos diz o nosso sagrado Mestre Morya (1924) - “corto laços e alço voo”. Ou seja, a comunhão entre seres é absolutamente indispensável, mas, mais indispensável ainda, é a solidão. Simplesmente porque só “crescemos” se, de fato, estamos sozinhos, sem nenhum contato com nenhuma “substância física”. Aí, deste modo, após um grande tempo de o ser está “recolhido consigo mesmo”, aí sim ele vai perceber tanto, que a sua “consciência” se expandiu, ultrapassando vários estágios, como, com esta evolução, ainda há um caminho “infinito”, “aguardando” para novos “contatos” com a Face do Infinito. Acontece que, de acordo a minha falha opinião, o que



observei em muitos pensamentos de alguns mestres é que toda a “evolução”, sobretudo, “espiritual” que passamos aqui até a nossa morte, será dada “continuidade” no Espaço da Eternidade. Não esquecendo que o Fogo Cósmico sempre estando presente porque como quase tudo nesta vida é “eterno”, o Fogo jamais deixaria de “ser”. Mais uma vez, Helena Roerich (1930):

Quando o espírito fizer uso da manifestação do Fogo do Espaço, e quando o alento da Verdade tocar a Fonte da Vida, então será possível garantir a mudança de consciência. O pião, girando em torno de seu próprio eixo, simboliza o destino do homem que se dissociou do movimento eterno. Aquele que conduz o Lótus, aquele que está aberto para se encontrar com o Cosmos e que manifesta a melhor diferenciação das luzes dos centros, simboliza a construção da vida, comensurando a limitação existente com a abertura dos centros. Procuremos uma correta definição do princípio vital. O Lótus aberto envolve tudo; as luzes diferenciadas de suas pétalas flamejantes giram, percorrendo todas as direções. Quando o Fogo sagrado, signo do espírito, está em contato com o Todo-existente, então o anel cósmico e a roda da vida se movem em conjunto (Roerich, 1930, p. 43).

Neste sentido, o “Fogo” é a “Verdade” e a “Criatividade”. “Verdade” porque reflete o Conceito da Vida e “Criatividade” porque toda a “Verdade do Fogo” tem origem na criatividade do Impulso Criador. Caro leitor, tu não sentes que algo em volta de ti e, sobretudo, no seu interior, não move, ou seja, não vive? É a centelha de seu espírito junto ao Fogo do Espaço. Assim, amigo leitor, este “Fogo” garante que a centelha ou a luz de seu espírito “cresça”, “evolua” e mais nada. Porque aqui não passa de ser realmente uma “passagem”, sendo ela curta ou prolongada, devemos, no mais, “evoluir” simplesmente porque somos “centelha”, ou seja, “luz vivente” e, claro, “eterna”. Assim, o Fogo dos Espíritos vagueia sobre nós; eles nos visita, mas na sua forma “ausente”, pois, como nos diz a autora e outros autores - “nada no universo é desperdiçado, ao contrário, tudo se revitaliza ou se renova ou se transforma”. Aquele “pó” que nos tornaremos servirá de “alimento” para outros tipos de “criaturas” ou “seres criados”. Entendes, agora, amigo leitor? Poderíamos dizer que há uma Grande Tríade na Existência - primeiro e acima de tudo, o Criador ou Arquiteto, segundo vem o Cosmos junto com a Vida. Enquanto Deus “controla” estes dois Grandes Elementos, estes dois Elementos correspondem traço por traço, sinal por sinal, tudo aquilo que o Criador “esclarece” no sentido primordial de tornar o “Cosmos” o Senhor de tudo aquilo que é feito de “substância cósmica” e, no mesmo conjunto, o Alento da Vida (a Psicovida) que nos mantém em estados de consciência sempre vigilante e atenta para perceber todos os estados possíveis do Infinito sempre dentro de um Infinito Possível (porque são vários). Acontece que esquecemos de um Elemento também Primordial - a Criatividade.

No entanto, a “Criatividade” já faz parte do estado psicodinâmico da Psicovida, pois, o advento ou a origem da “Criatividade” é propriamente constituída do “espelho” de Deus, nosso Criador. Por isso que, para onde quer que olhemos, até nas coisas densas da vida, vemos ali “contido” o organismo da vida em sua face “substancial”, tanto é que maravilhados com o contorno e o entorno das coisas e, sobretudo, com o profundo interior destas coisas que seria, o espírito. Assim, não as coisas “criadas” pela inteligência do



homem, mas todas as coisas criadas de modo autêntico por Deus, nos revelam, sem efeito de contradição, *o reflexo infinito de sua extraordinária e indecifrável bondade*. Dito isto, podemos prosseguir nosso pensamento com a autora - “O ensinamento do Senhor Gautama afirmava que a Luz não teme as trevas. A Luz vitoriosa engolfa tudo. Assim, também, o Fogo Cósmico penetra tudo. Ele é onipresente e seu poder é infinito” (Roerich, 1930, p. 44-45). Gautama é o conhecido “Buda”. Os espíritos criados e ainda encarnados de hoje jamais conseguirão saber completamente o tamanho de Luz que o Senhor Buda tinha. Esta frase ou este pensamento dele dizendo que “a Luz não teme as trevas” tem uma quantidade imensurável de sentidos quanto a vastidão insondável do Infinito. Assim, foi próprio do nosso Criador criar um certo tipo de substância luminosa chamada “Luz”; basta-nos, para sentir o poder potente da luz, acender uma simples e pequena vela dentro de um quarto escuro. A beleza com que aquilo evoca é surpreendente. Mas, por que será? Bem, muitos mestres e místicos e ainda santos debruçaram a totalidade de suas vidas desenvolvendo a sua fê em Deus e, logo, no desenvolvimento de sua chama interna vivente e, com certeza, boa parte deles percebeu que a Luz também é Infinita. Ou seja, está imersa em uma gama infinita de estados e estágios. Vejam, então, qual o propósito da Luz? Ou, com outros termos, qual o propósito do Fogo? O Fogo não é uma Luz? Assim, o Fogo sendo a Luz, a tudo envolve e a tudo purifica com sua chama. Logo, o Fogo “arde” e “queima” em nós porque somos “centelha”, ou seja, feitos inteiramente de “substância luminosa”. Pois, o Fogo Cósmico, este que entra em contato ou penetra o nosso pensamento, também cura! Diz a autora - “Ao assimilar os fogos cósmicos, o organismo todo se regenera e os elementos estranhos são eliminados por sua própria chama. O espírito armado conquista por sua aspiração; por isso, a revelação do Infinito indica o todo-penetrante Fogo como o predestinado sinal de cura” (Roerich, 1930, p. 45). Mas, cura de quê?

Primeiro, cura de toda a obscuridade que a matéria causa em nós e, segundo, a iluminação do ser que tem como fonte o espírito. Pois, “espírito” também é “chama”; “chama ardente”. Cocriando uma imagem espectral e mais próxima do “humano”, é como se todos nós, todos os seres, fossem cada um deles, uma tocha acesa e viva, seguindo todos em conjunto como numa procissão. É o mesmo que, no cristianismo, chamamos “A procissão do Fogaréu”, mas, neste caso, são “velas acesas”. O fato é que NÓS SOMOS CHAMAS, FOGOS, LUZES! Helena Roerich fala também da “Matéria Lúcida” que, segundo aquilo que este autor entende, seria quando o Fogo do Espaço (ou Cósmico) *penetra* também todas as camadas da Matéria e a torna, então, “Consciente”, “Lúcida”. Sim, a Matéria também possui uma “Mente” e ela é “Lúcida”. Roerich deixa claro para nós que não há nada que o Fogo não penetre. Até sem o Fogo, o Espaço não consegue ser “Lúcido”, ou seja, não consegue “ativar” todos os elementos próprios de sua condição de “espacialidade”. Assim, para cada “espaço”, múltiplos “fogos”, múltiplas “versões” ardentes de fogos cósmicos.



3 A VITALIDADE DO FOGO

Logo, fisicamente, o Espaço se constitui por éter e vacuidade (e ainda outros elementos que este autor desconhece) (Nishida, 2014). Enquanto que, esotericamente ou imaterialmente, o Espaço se compõe de Fogo, somente Fogo, pois, segundo a autora (e eu acredito que seja assim), é a “ardência” do Fogo Cósmico no Espaço que “faz mover” todos os seus “fios invisíveis espaciais”. Vestes, amado leitor, o quanto boa parte de nossa humanidade nem se quer imagina desta “realidade” existente? Assim, todos os centros “ardem”, ou melhor, “flamejam” porque o fogo vivo criador envolvente é eterno. Portanto, diz a autora:

Todos os centros refinados pelos fogos servem como fontes de criação. As pessoas na Terra pensam que os órgãos existem somente para sustentar o corpo físico, mas cada órgão de um Arhat é como um fogo criador manifestado. Nada define tão claramente a vida de um organismo ardente como os raios da Matéria Lúcida. Os centros ardentes de um Agni Iogue constituem uma manifestação criadora do Fogo Cósmico. A beleza afirmada de Ser está na Eternidade e na força vital” (Roerich, 1930, p. 98).

Todo o fluxo do pensamento se alinha perfeitamente às correntes cósmicas de Fogo, refinando não só o Tecido do Espaço, mas também o Ser. Deste modo, o Ser passa a se tornar um “organismo ardente” como, simbolicamente, um fogo que “queima” na lareira. Assim, o fogo visível ou orgânico ao passo que queima algo, dissolve aquilo, transformando em *uma outra e nova substância*. Já o Fogo do Espaço “arde” e, ao arder todos os organismos, só faz “crescer” ainda mais a “chama vivente criadora da consciência” de um Agni Iogue. Logo, o mecanismo do organismo ardente é “arder”, “arder” sem cessar e, mesmo que o organismo substancial não esteja acostumado com este “Fogo”; ele, de qualquer forma, passa a “arder”. Porque, amigo leitor, o termo “arder” aqui se refere a quando o “Fogo” está realmente “ativo” no “Espaço”; o que quer dizer que o “Fogo” “atingiu” nossa “consciência criadora”, fazendo nos desfazer de tudo aquilo que foi pré-determinado pelo homem (como as coisas e costumes meramente mundanos), logo, fazendo-nos realmente “criaturas criativas em psicoatividade dinâmica de criação”. Assim, a qualidade do “Fogo” vai depender da qualidade do organismo ardente porque, caso ele seja “puro”, diz a autora, o “Fogo” está perfeitamente conectado à sua fonte primordial - o Fogo do Espaço. Assim, cada centro de nosso corpo, diz a autora, é um organismo vivo de criação. Ou seja, cada centro da vida é o reflexo do fogo que há em nós. Com este sentido, a verdadeira transformação da vida passa pela constituição de um “organismo ardente”. Diz a autora - “o espaço é tão cheio, tão evocativo, tão belo” (Roerich, 1930). Vejam a importância que chega a ser igual a do Espaço em relação ao Tempo e como estas duas Grandes Entidades Cósmicas se comunicam tão perfeitamente, ao passo que o Espaço é um universo e o Tempo um outro universo. E cada um deles Infinito! Assim, parafraseando a autora - “como é belo, esplêndido e grandemente evocativo o Espaço, bem como o Tempo”. A título de curiosidade, será que o Fogo também penetra o Tempo (?) Se sim, com certeza, a Psicodinâmica Cósmica será com outros tipos de elementos, pois, o Fogo no organismo



ardente temporalmente não segue, sobretudo, o Espaço, mas o Devir, a Instantaneidade, a Sincronicidade, a Duração, etc. Abrindo novamente um parêntese (este tema do Fogo do Tempo poderia está em um novo livro meu, mesmo que a autora tenha tocado apenas no Fogo do Espaço, mas, como somos, segundo ela, “consciências criadoras”, que possamos um dia, amado leitor, conversar possivelmente sobre o Fogo do Tempo). Mas, seguimos nosso pensamento. Diz Roerich:

Imutável é a lei manifestada pelo Cosmos. Durante a criação, um intercâmbio de energias tem lugar. Para a natureza e para o espírito do homem, pode ser designada uma única e mesma página, a de aspiração à criatividade. O poder da criatividade não se pode desenvolver no Espaço sem o fator da consciência. E esta consciência, como uma força progressiva, aceita superar a resistência. O Imã Cósmico pode atrair para uma consciência do Fogo criador tudo que é afim. Ora, a Mente Cósmica cria como um construtor laborioso. E o homem deve servir ao Cosmos similarmente. O homem sabe que ímpeto a Razão Infinita transmite à corrente da vida”. (Roerich, 1930, p. 129-130).

Deus, como nosso Criador, sabe o quanto a Vida que Ele Criou representa, para nós, o Grande Ímpeto da Vida, pois, não é à toa que o título deste livro é “O ímpeto da Vida Ardente”. Porque, meu caro leitor, boa parte de nós seres ainda não temos uma “consciência criadora” tão viva e potente (ou transcendental) como é a de Chico Xavier; ao ponto de saber, com exatidão, de que modo a “Vida estimula os espíritos a ‘viverem’ na Eternidade (?). Meu amigo leitor, repitamos, porque parece que ainda não ficou “consciente” - “Tudo é Infinito e o Infinito é Tudo!”. Logo, é bem real, ou seja, há muitos séculos que aqueles homens com uma “mente expandida” afirmaram (e ainda afirmam) que o próprio fato de sermos “consciência criadora”, isto está perfeitamente relacionado com o Infinito, porque a equação é simples - “quanto mais nos infinitizamos é porque estamos incessantemente ‘criando’”. Muitos homens inteligentes perceberam a real existência de uma “potência criadora” em nós. Alguns deles são - Aristóteles; alguns santos, dentre os principais - Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; já na Idade Média, Leibniz, Spinoza e, na Era Moderna, Blavatsky, Roerich, Bergson, entre outros. Estes “seres”, durante a sua vida terrena, perceberam que, na Vida, havia algo ou alguma coisa como uma especie de um “ímpeto” ou uma “força” que, evocada sem a nossa vontade, nos direcionava sempre para frente e para o Alto, como bem nos diz o mestre Trigueirinho - “sempre para a frente e para o Alto”. Ou seja, jamais olhar para trás ou para baixo simplesmente porque estas “direções” estão “contaminadas” com todo o espectro inteiramente “sombrio” do Subterrâneo do Passado. Amigo leitor, a questão do Passado é um difícil tema e exige do estudioso uma grande abertura para as coisas da Anterioridade. Deste modo, alguns defendem que o Passado “não morreu”, pois, ele vive “eternamente” presente porque simplesmente ele, o Passado, é um Lastro, um Grande Lastro ou um Grande Arquivo que é muito difícil de “contornar”. Tudo isto porque o Passado é o filho esquerdo do Tempo. Há uma magistral obra escrita pelo filósofo Paulo Arantes chamada “A ordem do tempo”. Nele, seguindo uma arquitetônica hegeliana, o autor consegue “destrinchar” uma boa parte do tecido das profundezas do Tempo (da temporalidade) e, um de seus temas, é o “ter acontecido”. o “ter existido”, etc.



Afim de concluir esta segunda parte porque para este autor já foi o suficiente, finalizamos, então, novamente com um trecho do pensamento de Helena Roerich (1930, p. 131)h quando ela nos diz - “Somente com uma eterna tensão, é possível alcançar degraus predestinados, e a dor trará consigo a alegria”. Ou seja, torna-se inevitável pensar que a “dor” faz parte realmente da “vida”; tal “dor” é existente, logo, ela “vive na existência”. Só ela, afirmamos que seja um elemento, e da vida! Porque só há a “alegria” se houver “dor”, mesmo que isto soe “sombrio”. Sabe, por que, amado leitor? Por causa de um único ponto - “porque se este mundo fosse apenas um “oceano de delícias”, jamais conseguiríamos “crescer”” ou mesmo como dizem por aí - “jamais valorizaríamos a vida!”. Este é o ponto. Então, como o nosso “ser” vai adquirir “substancialidade” estando ou vivendo somente de “alegrias” (?) Como nos diz as Sagradas Escrituras - “não é a dor a responsável pela purificação da alma” (?) Sobre isto, abrirei um novo parêntese (Nossa época atual é explicada por seres humanos que só querem o “bem-estar”. Com isto, o “ser” “escapando” da dor e do sofrimento (que são realmente “existentes”) mergulha numa realidade completamente ilusória, pensando que na Existência não existe nem dor, nem sofrimento. Mas, que falta de senso humano, não?). Então, amado leitor, não penses que a ardência do Fogo também não “dói”. Lei do engano. Uma vida alicerçada no Fogo Cósmico precisa viver ao mesmo tempo - tanto a Dádiva da Vida, quanto o Sofrimento da Vida. Para o exame crítico, só é relembrar a vida dolorosa dos santos e vê aonde eles “chegaram” com tamanha dor e tamanho sofrimento. Por fim, que não possamos renunciar nunca à Magnitude do Fogo Cósmico (do Espaço), pois, mesmo que não queiramos, a sua Presença é avassaladora, real e magnífica. Que possamos, então, nos contentar com a “Estrutura do Mundo que o nosso Criador nos deu e realmente nos “sintonizar” com a sintonia de todos os organismos “ardentes” da Vida Ardente! Paz!

4 A MANIFESTAÇÃO DA CRIATIVIDADE: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, caro leitor, feito o caminho que vai da psicoatividade psicodinâmica do organismo ardente da vida, chegando à manifestação e disseminação do conhecido Fogo Espacial, estamos agora na conclusão que, “concretizado” nosso “processo” com a Mãe do Mundo (a Psicovida) e com a materialização das correntes cósmicas pelo Fogo do Espaço, se torna possível falar daquele Elemento que “torna” concreto tanto a manifestação da Psicovida, quanto a do Fogo Espacial, que é o Ímpeto da Criatividade. Acontece que, como criaturas ou substâncias “criadas” por Deus, somos “criaturas criadoras”, mas, mesmo que nossa essência seja a “atividade de criação”, devemos, como faz a Psicovida, estarmos “conscientes” da manifestação da “consciência criadora” em nossas vidas. Devemos ter em mente uma coisa - a vida, para se manifestar, torna-se necessário um ímpeto ou impulso “inicial” para que ela “desperte” esplendorosamente e “anime” tudo e todos. Assim, o *animus* da vida só pode ser a sua Fonte Primordial - o Cosmos. Assim, de acordo com nossa falha opinião, a Mente do Cosmos (ou Cósmica) “doa” o seu próprio Grande Mecanismo Ardente, ou seja, o seu “depósito de acúmulo de energia cósmica latente” para a Vida,



tornando esta uma Psicovida, ou seja, uma Vida Consciente e, mais, Omnisciente. O que quer dizer que somente a vida propriamente dita em sua fase “ordinária” não conseguiria “sobreviver” sem uma determinada “Mente Cósmica” que a *controlasse* e *sintonizasse* com ela. Deste modo, a própria Psicovida passa a realmente “criar”, ou seja, a possuir um “ímpeto de criatividade”, quando a própria Criação “estimula” a “mente ou consciência criadora” da Psicovida. Assim, como exatamente tudo nesta “vida” é “síntese”, é somente na “conexão” que a psicoatividade psicodinâmica do belo organismo da vida ardente passa a “funcionar”. Ou seja, da “Mente” da “Psicovida”, é possível o organismo da vida ardente “funcionar”, assim como para o corpo físico funcionar “perfeitamente” torna-se preciso, de um modo fisiológico, da “conexão” e “síntese” do funcionamento de todos os nossos órgãos. Logo, cada órgão físico é responsável por uma determinada parte do funcionamento do corpo e todos os órgãos são responsáveis pelo organismo físico inteiro. Assim, se caso um órgão faltar com sua “vida organísmica”, todo o organismo vai parando de funcionar, até que, passado um determinado tempo, o corpo físico vai desfalecendo.

O mesmo acontece com o organismo ardente da Psicovida, pois ele necessita de muitos elementos para o seu completo “funcionamento”. Porém, aqui, metafisicamente falando, a sobre-vivência de tal “organismo” é infinitamente mais complexa simplesmente porque estamos lidando com a “Totalidade da Vida”. Na vida terrestre, esta “totalidade” abrange três grandes formas de vida - a saber - o Tempo, o Espaço e a Matéria. E, no entremeio destes três, a Fonte Primordial de todo o tipo de vida - a Luz. Então, no tocante especificamente à “vida terrestre”, para que o organismo deste tipo de “vida” torne-se um organismo “vivo”, “ativo” e “dinâmico”, é necessária a Luz para que “desperte” a “vida terrestre” e continue a “viver” e, posteriormente, é preciso dos demais três elementos vitais terrestres - o Tempo - para que todas as coisas realmente “aconteçam” temporalmente - o Espaço - para que todas as coisas sejam “sustentadas” no “vácuo” (ou o Espaço Vazio da Atmosfera) - e a Matéria - para que todas as coisas possam “adquirir” uma “Substancialidade Material”. Assim, na ausência de um destes três elementos, assim como nosso corpo físico, o organismo da “vida terrestre” para de “funcionar”. Acontece que, para a manifestação esplêndida da “vida terrestre”, torna-se necessário não somente o “bom” e “adequado” “funcionamento” pela via daqueles “três” elementos, mas é também imprescindível que cada um deles “crie”, à sua maneira e dentro de seu propósito “natural”, a “substancialidade da vida ardente”. Isto quer dizer que, por exemplo, o Tempo, o Espaço e a Matéria por intermédio da Luz Criadora devem “criar” “formas de vida” dentro, cada um, de sua natureza de ser o que é. Ou seja, o Tempo deve “criar” incessantemente “formas de vida temporais”, o Espaço “formas de vida espaciais” e a Matéria “formas de vida materiais”.

Acontece que todos estes tipos de “formas de vida” só podem realmente passar a “viver” como “vida” quando a Luz Criadora Primordial “produz” a iluminação necessária para que os organismos ardentes do Tempo, do Espaço e da Matéria possam “acontecer”. Aqui como em outras vezes, defendemos a tese de que é a Luz o “alimento” de todas as coisas da Existência porque, sem Ela, simplesmente não



haveria a possibilidade da Existência. Neste sentido, é tal “Luz” que oferece ao Tempo, ao Espaço e à Matéria o “ímpeto” ou o “impulso criador”. Assim, não somente a “vida terrestre”, mas todo o tipo de vida como, por exemplo, a “vida celeste”, só “existe” por conta de seu “ímpeto de criatividade”. Mesmo uma coisa aparentemente “estática” como uma “pedra” possui o seu “ímpeto de criatividade” simplesmente porque, “ali”, todas as formas de vida do tipo “terrestre” estão “acontecendo”. Do tempo, o “devir da pedra”; do Espaço, o “fogo cósmico da pedra” e da Matéria, a “conscientização dos átomos”. Logo, a “pedra”, seguindo esta lógica, é, de fato, “um organismo vivo e absolutamente dinâmico”, como qualquer outra coisa desta “vida terrestre”. Assim, a “pedra” também “cria”, ou seja, ela “produz” realidades também “autoconscientes” porque, se tudo é uma “absoluta conexão”, então, todas as coisas “acontecem” de modo “consciente” por via absoluta da Mente Cósmica. Talvez, e penso que seja isto mesmo, a maior das descobertas da inteligência humana criadora foi, sem dúvidas, o Cosmos. Porque, depois de Deus, Ele é a Síntese e o Princípio de todas as coisas.

Do barro, um oleiro transforma a “forma morta” em “forma animada”. De tintas, o artista plástico transforma um quadro branco em “vida”. De uma folha em branco, o escritor transforma em “o sentido da vida”. De um oceano “sujo”, o Cosmos “revitaliza” transformando em um “oceano puro”. De campos floridos devastados, o Cosmos “renova” a vida vegetal. Da ausência da pessoa, o Criador “ressuscita” o espírito. Todos estes atos são, em síntese, “atos de criação”. Porque, caríssimo leitor, se tem uma coisa primordial que “produz” a verdadeira “vida” é a “Criatividade”. Um dado importante: só há uma psicoatividade da Psicovida com a existência absoluta de uma Mente Cósmica. Assim como nossos movimentos fisiológicos passam a acontecer a partir da presença imediata da conexão neuronal do cérebro, a “vida” como “Psicovida” necessita de uma “mente” que “direcione” para onde e quais estados ela, a “vida”, deverá passar. Se tem uma palavra que melhor sintetiza a Psicovida é “contato”. Todo o ser vivo só existe no “contato”, pois, ele próprio é um “contato”, toda a sua essência se molda a partir de “contatos”. Assim, o substrato da “psicoatividade” é o “contato”. E, neste “contato”, neste ato súbito e infalível, é possível “criar”. Primordialmente, se tem o “contato” para logo se ter a “criação”. Portanto, um criador não cria do nada; ele cria a partir do contato. Voltemos, agora, para um novo pensamento de Helena Roerich. No tocante ao “ímpeto da criatividade”, a autora fala de “sementes psíquicas criadoras”, vejamos:

Como, então, são concebidas as sementes psíquicas? Estas energias criadoras podem ser compreendidas como condutoras de emanções da vida. Quando as forças se empenham para manifestar-se na vida, estas sementes psíquicas são atraídas. O pensamento dirige, no espaço, as sementes psíquicas atraídas. A criatividade do Agni Iogue, quando tenso, assim dirige as sementes psíquicas. O que as pessoas denominam inspiração é, muitas vezes, a exteriorização de uma semente psíquica dirigida por um portador do Fogo. Por isso, o espírito de um Agni Iogue intensificado é o semeador destas sementes psíquicas criativas. Assim, Nossa Mãe da Agni Ioga semeia sementes psíquicas criativas (Roerich, 1930, p. 210).



Além do “dedo de Deus” (inspiração cabalista), como também do “sopro de Deus” (inspiração cristã), há a possibilidade de que a criação do universo tenha surgido de uma simples “semente” ou, simplesmente, o “contato” do Criador com a Existência fez “criar” o universo? Então, seria preciso mesmo de uma “semente” ? Bem, assim como uma grandiosa árvore nasce de uma pequeníssima semente, Deus, a partir de Sua “Mente Criadora”, fez “produzir” “sementes psíquicas criativas” para, a partir de uma “irrigação cósmica” (o Cosmos) e, por outro lado, partindo-se também da Iluminação da Vida, fazer nascer os mundos. Assim, a própria designação de Deus como “o Criador” é também ato criador do homem, a sua imagem e semelhança. Neste sentido, o homem está corretíssimo. Se há uma verdade absoluta, ou seja, inquestionável, é o fato de que o universo surgiu de um “Ato de Criação”, o que poderíamos dizer, sem errar, que este “Ato de Criação” só poderia ter vindo de um “Criador”, sendo Ele - o Absoluto. Então, a Existência segue uma ordem primordial - *Criador, Criação, Criatura*. Logo, estamos no estágio da “Criatura”, o último. Pois, os “olhos da Existência” não estão mais necessariamente “naquilo que já foi criado”, mas, no próprio “Processo da Vida”, a saber, a “criatividade da criatura”. Assim, o “Olhar da Vida” em nossos tempos é para a “criatura”. E, do mesmo modo, esta “criatura” é quem agora “cria” de suas “sementes psíquicas criativas” o mundo, neste caso, o “terrestre”. A sobre-vivência na “vida terrestre” se dá inicialmente a partir da *conscientização das infinitas formas de vida*. E não estamos falando aqui de “modos de viver”, mas de “formas de vida”. Acontece que, inconscientemente, estamos, como criaturas criadoras, “produzindo” sementes, a dos mais variados tipos, porque não é só o Organismo da Vida que as produz, mas cada “criatura”, à sua maneira e partir de seu próprio “pensamento”, está “plantando” a todo instante “variadas formas de vida”, “concretizadas” pela cristalização das sementes psíquicas no solo do Espaço do Mundo. Com este sentido, a autora afirma o seguinte - “as sementes psíquicas saturam o espaço e afirmam a criatividade”. Ou seja, assim como o nosso Criador “produz” “sementes psíquicas criadoras”, nós, enquanto criaturas, fazemos a mesma coisa. O termo “semente” que a autora utiliza é uma forma de dizer que “a partir de nosso pensamento *lançamos* sementes psíquicas no espaço, a partir do qual, o espaço vai se “tornando” mais “cheio”, “forte” e “esplêndido”, se caso “tais” sementes forem verdadeiramente “benéficas” e não possam estar “contaminadas” com a parte “sombria” do pensamento. Porque, caro leitor, apesar da grandiosa e inestimável “consciência criadora” que portamos dentro de nós, podemos “lançar” no Espaço, tanto sementes más como sementes boas. Tudo vai depender de como o nosso pensamento está transcorrendo. Tal Espaço, tornando-se uma cor “esverdeada,” é sinal de que as sementes psíquicas “lançadas” são da ordem do “bom pensamento”, mas o espaço tornando-se escuro e acerbo, é sinal de que “ali” foram lançadas sementes más. Um estado ou outro, nós perceberemos no súbito contato com o organismo ardente do Espaço. Assim, como nos diz a autora, devemos ter um correto pensamento em relação à vida e, assim, está o tempo todo “controlando” nosso fluxo do pensamento, pois, sabemos que a sua “força” pode ser “devastadora”, como também “iluminada”. Por isso, amigo leitor, um dos conselhos



mais importantes da autora é que - “nós somos responsáveis por aquilo que pensamos”. Muito mais primordial do que aquilo que Saint Exupéry (2021) diz - “somos responsáveis por aquilo que cativamos”.

Logo, chegando até aqui, nós podemos dizer que a “Dinâmica da Vida é o pensar na forma do pensamento”. Do contrário, imagina uma vida sem o pensamento (?). Assim, conseguiríamos *ser* o mundo e nós mesmos (?). Em uma única frase, assim, era possível “viver” (?). Portanto, *somos* a vida e porque *somos* a vida esquecemos que *somos* o pensamento. Percebestes que tudo está interligado - vida e pensamento, pensamento e vida? Logo, pensamos *ser* o mundo quando, na verdade, apenas ainda *estamos* no mundo. Esta impressão acontece por causa da “omnisciência do pensamento”. Porque se o Espaço é tudo, o Pensamento também é, entendes? Imaginemos, então, o Fogo do Espaço sem o Pensamento ou o Pensamento sem o Fogo do Espaço (?). Na primeira condição, inexistiria o fluxo ardente do Fogo e, na segunda condição, o Pensamento se tornaria, sem sombra de dúvidas, uma “massa amorfa”; sem sentido e sem utilidade. Percebes, agora, que tudo está realmente interconectado? Ou seja, o Pensamento só acontece na “conexão”. E, nesta “conexão”, é preciso coexistir a “criatividade”. Logo, “pensamento” significa “coexistência”, ou seja, *a coexistência da vida entremeada no pensamento*. O Todo é um “Todo de Conexão”; o Cosmos é um “Fluxo de Coesão”; o “Fogo do Espaço” é uma “Conexão em Tensão”. Enfim, parece que não, mas todas as coisas estão no “seu lugar”. Não há nada muito fora, nem há nada muito dentro, ou mesmo não há nada fora do limite, exato e preciso. Isto se chama a “Harmonia da Vida”. Diante de tudo aquilo que foi criado, acontece que há algo que deve ser levado a sério, sendo nossa principal função que é, nas palavras da autora, “unir o mundo da matéria com o mundo do espírito” (Roerich, 1930, p. 259). E, infelizmente, o que vem acontecendo neste planeta - “a conscientização da existência de um único mundo - a saber - o da matéria”. Vestes porque de tanto o homem “estimular” a Matéria do Mundo ou, em outras palavras, de tanto o “ímpeto” do homem na matéria fez com que produzisse a imagem do mundo que é hoje (?). Quando, então, teremos a possibilidade de “virar”, nem que seja uma única vez, a “chave” (?). Ou seja, por onde vagueia o nosso espírito (?). Onde ele está (?) Desapareceu (?). Acontece que, infelizmente, boa parte da humanidade só faz promover cada vez mais o impulso em direção à matéria. Como se, se somos somente “matéria”, então, um dia com certeza iremos perecer definitivamente, logo, o olhar do homem só é para isto - “sobreviver até quando der porque o fim sempre pode estar próximo”. A cabeça do homem é selvagem, mas, compreendemos perfeitamente porque é assim - “quando não fazemos o nosso espírito se desenvolver, nos tornamos igual a um tronco de madeira”, como muito bem o Senhor Buda usa esta analogia. Portanto, por onde vagueia a “criatividade”; o nosso “poder de criação” (?). Podemos “criar” somente “casas” ou podemos “criar” nossa “consciência” e nosso “espírito” (?). Talvez, o legado de Helena Roerich seja que, durante em todos os tempos, para “viver”, sempre necessitamos do “Ímpeto da Criatividade”. Se o Infinito é a Vida, afirmamos, junto com a autora, a Criatividade! Neste sentido, que os raios cósmicos desçam sem cessar à Mãe-Terra (como de fato sempre está acontecendo), pois, como Nosso



Senhor Jesus Cristo nos diz - “ainda ‘sobrevive’ um Finíssimo Fio de Luz sob à Terra”. Portanto, com a nossa vida que portamos, com o nosso pensamento que somos, junto ao Fogo do Espaço, possamos, com a permissão de Deus, “lançar” somente, cada qual à sua maneira, sementes psíquicas benéficas a este mundo porque mesmo que estejamos na transição para um Novo Ciclo, somente o Cosmos, a Natureza e Deus saberão nos “direcionar” por qual caminho nós deveremos agora passar. Por fim, amados leitores, com estas simples reflexões, que possamos agora um pouco melhor saber em qual solo nós estamos pisando.

Que a alegria do Pensamento nos desperte para a Vida!

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. **Suma Teológica**. Vol. 1. São Paulo: Ecclesiae, 2016.

ARISTÓTELES (384-322 a. C.). **Metafísica**. Lisboa: Edições 70, 2021.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BLAVATSKY, H. **Doutrina Secreta**. Vol. 1. São Paulo: Pensamento, 2007.

DELEUZE, G. **O anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.

EXUPÉRY, A. **O pequeno príncipe**. São Paulo: Principis, 2021.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

LEIBNIZ, G. **Obras completas**. Madrid: Wisehouse Classics, 2022.

MORYA, M. **Folhas do jardim de Morya**. São Paulo: Avatar, 1924.

NISHIDA, K. **Colección de ensayos filosóficos**. São Paulo: Editora Phi, 2014.

STEIN, E. **Potency and act**. Tradução para o inglês de Walter Redmond. Washington, DC: ICS Publications, 2009.

_____. **Ser finito y ser eterno**. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1994.

ROERICH, H. **Infinito**. São Paulo: Agni Yoga Society, 1930.